





O SANGUE DE  
EMMETT  
TILL



TIMOTHY B. TYSON

O SANGUE DE  
EMMETT  
TILL

Tradução  
Claudio Carina



Estação Liberdade

Título original: *The Blood of Emmett Till*

© Timothy Tyson, 2017

© Editora Estação Liberdade, 2020, para a tradução em língua portuguesa

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com a editora original, Simon & Schuster, Inc.

PREPARAÇÃO Nina Schipper

REVISÃO Thaisa Burani

SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes

IMAGEM DE CAPA .

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

EDITOR RESPONSÁVEL Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

T988s

Tyson, Timothy B., 1959-

O sangue de Emmett Till / Timothy B. Tyson ; tradução Claudio Carina. - 1. ed. -  
São Paulo : Estação Liberdade, 2020.  
384 p. ; 21 cm.

Tradução de : The blood of Emmett Till

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-65-86068-08-5

1. Till, Emmett Louis, 1941-1955. 2. Negros - Estados Unidos - Biografia. 3. Racismo.  
4. Negros - Direitos fundamentais. I. Carina, Claudio. II. Título.

20-65613

CDD: 920.096073

CDU: 929:323.1

---

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

24/07/2020 27/07/2020

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda

01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180

[www.estacaoliberalidade.com.br](http://www.estacaoliberalidade.com.br)

Para meu irmão Vern



Meu nome está sendo chamado na estrada para a liberdade.  
Posso ouvir o sangue de Emmett Till chamando da terra [...]  
Quando iremos? Não amanhã! Não ao meio-dia! Já!

*Reverendo Samuel Wells*  
*Albany, Geórgia, 1962*



# SUMÁRIO

1 Nada que aquele garoto fez	13
2 Botas na varanda	23
3 Criado como negro em Chicago	29
4 Emmett em Chicago e o “Pequeno Mississippi”	45
5 Coronhadas no Natal	57
6 O incidente	79
7 No terceiro dia	85
8 Mamãe fez a terra tremer	99
9 Regimentos em guerra no Mississippi	111
10 Segunda-feira Negra	131
11 Gente que não precisamos mais ter por aqui	153
12 Opiniões formadas	171
13 A resistência do Mississippi	189
14 “É aquele ali”	199
15 Cada anglo-saxão entre vocês	219
16 O veredito do mundo	241
17 Políticas de protesto	259
18 Como morreu Emmett Till	275
Epílogo: Os filhos de Emmett Till	285
Agradecimentos	297
Notas	301
Bibliografia	349
Índice remissivo	369
Sobre o autor	381



## NADA QUE AQUELE GAROTO FEZ

A mulher agora idosa deu um gole no café. “Eu já pensei muito a respeito de tudo sobre Emmett Till, o assassinato e o julgamento, dizendo quem fez o que com quem”, falou.<sup>1</sup> Quando ela tinha 21 anos e seu nome era Carolyn Bryant, o jornal francês *Aurore* chamou a jovem de cabelos escuros do Delta do Mississippi de “uma Marilyn Monroe das encruzilhadas”.<sup>2</sup> Para descrevê-la, repórteres de Detroit a Dacar nunca deixaram de salpicar suas histórias sobre *l'affaire Till* com palavras como “graciosa” e “encantadora”. William Bradford Huie, jornalista sulista e divulgador das histórias sobre o linchamento de Till, a chamava de “uma das mais bonitas irlandesas de cabelos pretos que já vi na vida”.<sup>3</sup> Com quase oitenta anos e ainda atraente, agora com os cabelos prateados, a ex-mulher de Roy Bryant me serviu uma fatia de bolo inglês, hesitou um pouco e murmurou, parecendo falar mais consigo mesma do que comigo: “De qualquer forma, agora todos já morreram.” Depositou a xícara na mesa baixa de vidro entre nós enquanto eu aguardava.

Meio século atrás, por um momento épico, o rosto de Carolyn Bryant ficou conhecido no mundo inteiro, ligado para sempre a um crime de notoriedade histórica e poder simbólico. O assassinato de Emmett Till foi relatado em uma das primeiras manchetes de capa sobre a era dos direitos civis

e deu início à coalizão nacional que conflagrou o movimento moderno pelos direitos civis. Mas ela nunca abriu a porta para um jornalista ou um historiador, muito menos convidou qualquer um deles para comer um bolo com café. Agora ela me olhava nos olhos, fazendo força para distinguir fatos de recordações, e me contou uma história que eu não conhecia.

A história que eu achei que conhecia começou em 1955, cinquenta anos antes, quando Carolyn Bryant tinha 21 anos, e um garoto negro de Chicago de quatorze anos entrou na mercearia e casa de carnes de Carolyn numa aldeia rural no Delta do Mississippi e a ofendeu. Talvez com certo atrevimento, o garoto tocou ou até apertou a mão dela quando deu o dinheiro para pagar um doce, convidou-a para sair e deixou a loja se despedindo, sendo puxado por seu primo mais velho. Poucos jornalistas que contaram a história do garoto negro e da beldade do interior deixaram de mencionar o assobio de “fiu-fiu” que veio depois: Till teria assobiado para Carolyn quando ela, furiosa, foi até um automóvel para pegar uma pistola debaixo do banco.

O mundo só ficou sabendo dessa história por causa do que aconteceu alguns dias depois: parentes de Carolyn, supostamente só o marido e o cunhado, sequestraram e mataram o garoto e jogaram seu corpo no rio Tallahatchie. Isso deveria ser o fim da história. O garoto aprendeu a lição. Porém, um jovem pescador encontrou o corpo de Till na água, e um mês depois o mundo presenciava Roy Bryant e J. W. “Big” Milam sendo julgados por assassinato.

Eu conhecia bem esse tipo de prática infame, pois quando eu tinha onze anos em Oxford, uma pequena cidade de comércio de tabaco na Carolina do Norte, o pai e os irmãos de um amigo espancaram e mataram a tiros um jovem negro. O nome dele era Henry Marrow, e os eventos que levaram à sua morte tinham algo em comum com os de Till. Meu pai,

um pastor metodista branco, envolveu-se no esforço de estabelecer a paz e a justiça na comunidade. Nós nos mudamos de lá naquele verão. Mas Oxford continuou gravada a fogo na minha memória, e mais tarde voltei e entrevistei o principal responsável pela morte de Marrow. Ele me contou: “Aquele preto se suicidou quando veio à minha loja querendo fazer sexo com minha enteada.” Também conversei com muitos dos que protestaram contra o assassinato ateando fogo nos imensos depósitos de tabaco no centro de Oxford, bem como com testemunhas do crime, gente da cidade, advogados e outros. Tentar entender o que tinha acontecido na minha cidade natal fez de mim um historiador. Pesquisei o caso durante anos, enquanto fazia doutorado em história dos Estados Unidos, e em 2004 publiquei um livro sobre o assassinato de Marrow, o que aquilo significou para minha cidade natal e para minha família e como revelava a questão racial na história dos Estados Unidos.<sup>4</sup> Carolyn Bryant Donham leu o livro, e foi por isso que resolveu entrar em contato comigo e falar sobre o linchamento de Emmett Till.

O assassinato de Henry Marrow ocorreu em 1970, quinze anos depois do linchamento de Till. Mas, ao contrário do caso de Till, nunca chegou a ser conhecido nacional ou internacionalmente, apesar de envolver muitos temas semelhantes. Assim como Till, Marrow supostamente fez um comentário insinuante a uma jovem branca na pequena loja rural da família. Em Oxford, porém, a cidade irrompeu em incêndios e violência, com as chamas visíveis a quilômetros de distância. Um júri formado exclusivamente por brancos, agindo de acordo com o que sem dúvida considerava como sendo os valores da comunidade branca, inocentou os dois homens acusados no caso, apesar de o assassinato ter ocorrido em público. O que aconteceu em Oxford em 1970 foi um linchamento no antigo modelo, em que homens brancos mataram um homem negro

a serviço da supremacia branca. O júri, composto apenas de brancos, ratificou o assassinato como um gesto de protesto contra a integração das escolas públicas, que finalmente havia começado em Oxford, e por trás de boa parte dos protestos de brancos jazia o medo e a raiva diante da perspectiva de crianças brancas e negras estudarem juntas nas mesmas escolas, o que os brancos temiam que levasse a outras formas de “mistura racial” ou até à “miscigenação”.

Assim como no caso de Marrow, muitos brancos acreditaram que Till violara esse tabu de raça e sexo e, por isso, fizera por merecer. Muitos repórteres de jornais avaliaram que Till errara — em seu julgamento, no seu comportamento, em sua atitude e talvez até em pensamento. Sem justificar o crime, inúmeros jornais do Sul argumentaram que o garoto era no mínimo parcialmente culpado. O relato mais influente do linchamento — a suposta revelação de todos os fatos por Huie em 1956 — retratava um garoto negro que praticamente havia se suicidado com suas respostas arrogantes a seus agressores. “Convencido, imprudente”, definiu Huie. Ele “tinha a foto de uma garota branca no bolso e se gabou de ter transado com ela”, não só para os amigos, não só para Carolyn Bryant, mas também para seus assassinos: “Foi por isso que eles o pegaram e o mataram.”<sup>5</sup> A história foi contada e recontada de várias formas, por muita gente, mas muitas delas, desde a virulenta defesa do Mississippi e de seus costumes até as arengas santarronas dos críticos do Norte, concordavam que Till estava no lugar errado, na hora errada e fez as escolhas erradas.

Até recentemente, os historiadores nem sequer tinham uma transcrição do julgamento de 1955, que desapareceu assim que este terminou. A transcrição reapareceu brevemente no início dos anos 1960, mas logo foi destruída por uma enchente num porão. Em setembro de 2004, agentes do FBI localizaram uma esmaecida “cópia de uma cópia de uma cópia” numa casa

particular em Biloxi, Mississippi. Demorou duas semanas para dois escrivães transcreverem todo o documento, com exceção de uma página que faltava.<sup>6</sup> A transcrição, finalmente divulgada em 2007, nos permite comparar as últimas lembranças de testemunhas e dos acusados com o que eles disseram cinquenta anos antes. Também revela que Carolyn Bryant contou uma história bem mais apimentada no tribunal, difícil de atribuir à mulher cordial sentada à minha frente do outro lado da mesa de centro.

Meio século antes, no alto do banco das testemunhas no Tribunal do Condado de Tallahatchie, dois ventiladores de teto lentamente arejavam o ambiente da fumaça dos cigarros. Esse foi o palco em que a vencedora de concursos de beleza de duas escolas estrelou como a mais linda flor da feminilidade sulista. Carolyn testemunhou que Till tinha agarrado sua mão à força no balcão de guloseimas, só largando quando ela se desvencilhou. Till a convidou para sair, declarou ela, perseguiu-a pelo balcão, bloqueou sua passagem e agarrou sua cintura fina com as duas mãos.

Ela disse ao tribunal que Till havia falado: “Não precisa ter medo de mim. [Eu já], bem, — com mulheres brancas.” De acordo com a transcrição, a jovem delicada se recusou a pronunciar o verbo ou até mesmo a dizer ao tribunal com que letra do alfabeto começava. Escapou do abraço forçado de Till com grande dificuldade, contou.<sup>7</sup> Um mês depois, um jornal do Mississippi insistiu em que o caso jamais deveria ter sido chamado de “o caso do assobio de fiu-fiu”. Em vez disso, disseram os editores, deveria ter sido chamado de “um caso de ‘tentativa de estupro’”.<sup>8</sup>

“Depois esse outro preto entrou na loja e o pegou pelo braço”, continuou Carolyn. “Falou para ele ‘vamos, vamos embora’. Segurou no braço dele e o levou para fora.” Em seguida surgiu um detalhe estranho na história dela, uma observação

discordante da alegação de uma agressão abortada: Till parou na soleira da porta, “virou-se e falou ‘Até mais’”.<sup>9</sup>

Os réus se acomodavam em cadeiras de assento de palha numa sala lotada por mais de duzentos homens brancos e cinquenta ou sessenta afro-americanos amontoados nas últimas duas fileiras e na pequena e segregada mesa da imprensa negra. No discurso de encerramento, John W. Whitten, advogado dos réus, disse ao júri todo formado por homens brancos: “Tenho certeza de que todos os anglo-saxões aqui presentes terão a coragem de libertar esses homens, apesar dessa pressão [externa].”<sup>10</sup>

Mamie Bradley,\* a mãe de Till, foi responsável por boa parte daquela pressão externa sobre o sistema judicial do Mississippi. A corajosa decisão de manter o caixão aberto no funeral do filho espancado deu início a novas reportagens em todo o planeta. A indignação internacional resultante fez o Departamento de Estado dos EUA lamentar “o prejuízo real e duradouro para a política externa americana causado por tragédias como as do caso Emmett Till”.<sup>11</sup> Sua disposição para viajar aonde quer que fosse e falar sobre a tragédia contribuiu para atizar um enorme movimento de protesto que reuniu os elementos de um movimento nacional de direitos civis, começando com as autoridades do meio político e cultural da

---

\*. Mamie Carthan se tornou Mamie Till depois de seu casamento com Louis Till em 1940, que terminou com a morte dele em 1945. Mamie Till tornou-se Mamie Mallory depois de um breve casamento em 1946. Seu nome mudou para Bradley depois de outro casamento em 1951. Continuou sendo Mamie Bradley durante a maior parte dos anos que este livro cobre. Casou-se pela última vez em 1957, tornando-se Mamie Till-Mobley, nome com que publicou suas memórias em 2004. Para evitar confusão, e também para retratá-la como um ser humano e não como um ícone, vou me referir a ela em geral pelo primeiro nome. Sem nenhum desrespeito. O mesmo é verdade quanto a Emmett Till e Carolyn Bryant. [N.A.]

Chicago negra. O movimento se tornou o mais importante legado desta história.<sup>12</sup> Suas memórias sobre caso, *Death of Innocence* [A morte da inocência], publicadas quase cinquenta anos depois do assassinato do filho, nos faz vê-lo como um ser humano, não apenas como uma vítima de um dos mais notórios crimes de ódio da história.<sup>13</sup>

Enquanto eu tomava o café e comia o bolo inglês que Carolyn Bryant Donham me serviu, esta me entregou uma cópia da transcrição do julgamento e os originais de suas memórias não publicadas, “More than a Wolf Whistle: The Story of Carolyn Bryant Donham” [“Mais que um assobio de fiu-fiu: a história de Carolyn Bryant Donham”]. Prometi entregar nossa entrevista e aqueles documentos ao arquivo apropriado, onde futuros estudiosos poderiam usá-los. Em suas memórias ela repete a história que contou no julgamento, empregando imagens do clássico filme de terror do Sul racista sobre o estuprador “Black Beast”.<sup>14</sup> Mas quanto ao seu depoimento de que Till a agarrou pela cintura e murmurou obscenidades, agora ela me confessava: “Essa parte não é verdade.”

Tendo nascido no Sul e sendo filho de um pastor, já estive em incontáveis salas de visitas arrumadas para receber convidados, em roupas de domingo, com deferências implícitas obrigatórias entre os mais jovens e os mais velhos, entre homens e mulheres e, com muita frequência, entre gente de pele escura e gente de pele clara. Como historiador, reuni um bocado de histórias orais no Sul e em todas as categorias de classes sociais. Os modos de agir são muito importantes, e as questões pessoais requeridas pela história oral às vezes são delicadas. Eu me sentia confortável naquele cenário, mas chocado por suas revelações, e tive de lutar para articular minha pergunta

seguinte. Se essa parte não era verdade, perguntei, o que aconteceu naquela noite décadas atrás?

“Eu quero contar a você”, disse Carolyn. “De verdade, só que eu não me lembro. Aconteceu cinquenta anos atrás. A gente conta essas histórias por tanto tempo que elas parecem verdadeiras, mas essa parte não é verdade.” Há muito os historiadores sabem da complexa confiabilidade da história oral — de praticamente todas as fontes históricas, aliás — e da maleabilidade da memória humana, e a confissão dela era em parte um reflexo disso. O que significa quando você se lembra de alguma coisa que sabe que nunca aconteceu? Carolyn vinha ponderando sobre essa questão havia muitos anos, mas nunca em voz alta, em público ou numa entrevista. Quando afinal ela me contou a história de sua vida e os relatos radicalmente diferentes e muito mais detalhados sobre a morte de Emmett Till, foi a primeira vez em meio século que Carolyn pronunciou o nome dele longe de sua família.

Não muito depois de ter almoçado em Jackson, Mississippi, com Jerry Mitchell, o brilhante jornalista do *Clarion-Ledger* cujas investigações resolveram diversos casos passados de assassinatos na era da luta por direitos civis, falei sobre meus esforços para escrever sobre o caso Till e ele compartilhou comigo algumas de suas ideias. Poucos dias depois do nosso almoço recebi um envelope de papel-manilha com um endereço de remetente do Mississippi e evidências concretas de que “essa parte”, como Carolyn tinha chamado o suposto assédio, nunca fora verdade.

Mitchell tinha me mandado cópias das anotações escritas à mão do que Carolyn Bryant dissera ao seu advogado no dia anterior à prisão de Roy e J. W., em 1955. Em sua primeira versão registrada dos eventos, ela disse apenas que Till a havia “insultado”, não agarrado, e com certeza não tinha tentado estuprá-la. Os documentos provam que houve um momento

em que ela parecia não saber o que havia acontecido, e que pouco depois se tornou porta-voz de uma monstruosa mentira.<sup>15</sup>

Agora, meio século depois, Carolyn apresentava outra verdade, uma inexorável verdade sobre a qual sua trágica contraparte, Mamie, também se mostrava inflexível: “Nada que aquele garoto fez poderia jamais justificar o que aconteceu com ele.”



## 2.

### BOTAS NA VARANDA

Provavelmente foram os estampidos de botas na varanda que despertaram o reverendo Moses Wright de um sono profundo às duas da madrugada de domingo, 28 de agosto de 1955.<sup>1</sup> Wright era um meeiro de 64 anos, baixo e musculoso, de mãos calejadas e um nariz de tartaruga-marinha. Ordenado como pastor pela Igreja de Deus em Cristo, Wright às vezes pregava na igreja de blocos de concreto encravada num bosque de cedros a apenas oitocentos metros de distância; a maioria das pessoas o chamava de “Pregador”. Vinte e cinco acres de plantação de algodão florido, pronto para a colheita, se estendiam atrás de sua casa de madeira sem pintura num canto escuro do Delta do Mississippi chamado East Money.<sup>2</sup> Wright sempre vivera no Delta, sem nunca ter tido qualquer problema com brancos.

A casa antiga e bem construída seria chamada de “casebre” por parte dos noticiários mais simpáticos, entretanto era a casa mais agradável de um arrendatário na fazenda de G. C. Frederick. O senhor Frederick respeitava o reverendo Wright e deixou sua família ocupar a casa baixa de quatro cômodos onde ele mesmo havia morado antes de construir a casa principal. O telhado de zinco inclinava-se na direção de caquizeiros e cedros que ladeavam a estrada de terra na frente da casa. Uma agradável varanda fechada com tela ocupava toda